

Opinião

José Miguel Noras

As primeiras moedas de ouro de Portugal (II)



Durante a segunda dinastia, o problema mais complexo, no que toca ao ouro amoeado, prende-se com o escudo de D. Duarte. De facto, embora o cronista Rui de Pina tenha mencionado detalhes rigorosos sobre a sua emissão, a verdade é que não se conhece qualquer exemplar. Existe apenas uma representação setecentista (em gravura) mandada efectuar por D. António Caetano de Sousa (História Genealógica da Casa Real Portuguesa). Esta gravura foi sucessivamente copiada, em diferentes catálogos, com ligeiras modificações. O pseudo ensaio em prata do escudo de ouro de D. Duarte, que integra o acervo da Universidade de Leiden, não passa disso mesmo - uma falsificação produzida a partir da gravura acima citada.

Segundo Rui de Pina, o escudo de ouro de D. Duarte foi emitido com a lei (ou toque) de 18 quilates, obedecendo à talha de 50 em marco.

Esta emissão de D. Duarte (1433-1438) terá reintroduzido as cunhagens em ouro no numerário português, as quais haviam sido interrompidas no reinado de D. Fernando (possivelmente em 1372). Tem, ainda, a particularidade inerente ao ineditismo da denominação monetária, dado que, até então, nenhuma outra moeda portuguesa fora cunhada com o nome de escudo.

Essa denominação foi também emitida por D. Afonso V, que produziu escudos em Lisboa e no Porto. Os seus escudos tiveram a companhia de moedas, igualmente de ouro, com aproximadamente metade do peso - os preciosos meios escudos (apenas dois exemplares conhecidos).

Ainda no reinado de D. Afonso V (transição da Idade Média para a Idade Moderna), surge a primeira moeda portuguesa que, já afastada do padrão da dobra, exhibe elementos inovadores, podendo mesmo ser considerada uma moeda

moderna - o cruzado de ouro. Metaforicamente, este cruzado representa como que a carta de alforria monetária de Portugal relativamente ao numerário da Península Ibérica, passando a alinhar-se pelo padrão seguido nas grandes metrópoles italianas. No seu averso, destaca-se a simbologia heráldica portuguesa, numa moldura polilobada, enquanto que, no reverso, uma moldura de bonito recorte gótico envolve uma cruz grega lisa.

As cunhagens em ouro prosseguiram com D. João II e, até ao reinado de D. Luís, nunca mais foram interrompidas. Nos desenhos que estiveram na origem das novas moedas, trabalharam artistas de renome como António e Francisco de Holanda, a quem devemos os São Vicentes, e Vieira Lusitano, que produziu o retrato de D. João V para a admirável série monetária do "rei magnânimo".

Curiosamente, o espécime que mais prestígio trouxe ao nosso país tomou a designação de português. Cunhado por D. Manuel I e por D. João III, foi o "dólar" da época das Descobertas. De tal forma projectou Portugal no espaço da glória e da notoriedade, que povos como os alemães, os dinamarqueses e os holandeses não hesitaram em copiá-lo, assinalando a sua conformidade com a moeda nacional, à semelhança do que, um milénio antes, os suevos fizeram relativamente à moeda de Roma.

Cidade de Lamego,
11 de Março de 2005.

Por: José Miguel Noras